



Capa do livro

O naufrágio da luz

Mary Francisca Guimarães

Mary Francisca Guimarães é Mestre em Educação pela FAE/UFMG, com uma pesquisa sobre a leitura de alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Atua como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, em cursos de formação de professores. Atualmente, pesquisa a questão da memória em narrativas da cibercultura..

NEIRA, Hernán. *O naufrágio da luz*. Trad. Helena Rita. Porto: Asa, 2004.

O romance *O naufrágio da luz* recebeu em 2003 a premiação "Las dos orillas", do Salão do Livro Ibero-Americano de Gijón, a partir da qual foi traduzido e publicado em seis países europeus (França, Itália, Alemanha, Grécia, Espanha e Portugal). O livro tanto é interessante pela trama, quanto pelas alegorias que dela se pode depreender, correspondendo ao objetivo de se fazer justiça a escritores de obras em espanhol e português, que muitas vezes acabam por serem condenados a não ultrapassar as fronteiras nacionais, por questões de políticas editoriais. O prêmio garantiu a revelação do escritor Hernán Neira para além das fronteiras do Chile.

Naufrágio da luz deriva de "Ameland", conto do mesmo autor, cujo título foi inspirado pelo nome de uma ilha holandesa. No romance, a descrição de Ameland pode se referir também a uma ilha do sul do Chile ou a qualquer outro lugar ou sociedade. De fato, mais que uma alusão à Europa ou à América latina,

essa ilha é um lugar de ficção, simbolizando os esforços de um casal para escapar de conflitos internos. Nesse lugar, a lei dos moradores impõe uma permanência forçada que chega à violência física. *Naufrágio da luz* conduz o leitor para essa ilha remota, seguindo o destino de um jovem faroleiro recém-formado na escola do mar, onde trabalha desde criança, e que se apaixona pela personagem Mareika.

O faroleiro e Mareika estão confinados em Ameland, local em que o prazer é um desconhecido dos moradores que ali chegaram ainda crianças, vítimas de um naufrágio. A luta diária para vencer a precariedade do lugar tornara os ilhéus incapazes de compartilhar entre si emoções ou abrir-se a relações de amizade. Os jovens ilhéus, sem lembranças do continente, negam a si mesmos, aos mais velhos e aos forasteiros o direito de partirem. Os mais jovens não desejam aquilo que já esqueceram - lugares, linguagens, afeições - e assim constituem uma comunidade sem passado, mas também sem a possibilidade de futuro.

Embora o amor entre o faroleiro e Mareika, seja uma redenção, ele não tem futuro por causa da perda dos referentes que lhes permitam acessar sua origem ou sua identidade por meio de uma memória feliz. Em Ameland, vive-se cercado pelo mar, sem registros ou quaisquer formas de arquivos, sem comunicação afetiva: pouco a pouco não se sabe distinguir as imagens do passado, confundidas com medos e incertezas.

Uma pessoa só, um simples faroleiro podia iluminar o horizonte, mas não podia iluminar o interior de um ser humano que se tinha alheado da luz, não podia confrontar-se com sombras que não são físicas nem com uma segura, escassez e história concentradas na intimidade de Mareika e, da mesma forma que ela era incapaz de conceber-se feliz, eu também não consegui imaginar a minha salvação sem contar com a dela, não consegui conceber a minha independência e fuga solitária e fiquei amarrado a uma ilha de esterco com as mesmas cordas de seda que me amarravam a Mareika.

O romance remete a uma sociedade real ou apenas simula o extremo a que pode chegar o ser humano? O que significa um farol que é mais importante que as personagens? O mundo dos guardas de faróis e a descrição das personagens sinalizam uma sociedade européia muito primitiva e fechada numa situação extrema de escassez, pobreza, fome, frio, solidão? Ou seria uma sociedade latino-americana? Que possibilidades de leitura se abrem nessa multiplicidade de sentidos em que a ilha, o farol e as personagens não se identificam com um determinado local, mas com a diversidade de experiências a partir das quais é possível refletir sobre si mesmos e suas relações com o outro? No desfiar da narrativa em primeira pessoa o leitor descobre-se não mais em um espaço da ilha, mas num lugar da

memória, em que a lembrança e o esquecimento disputam as possibilidades de ser e não ser.

A obra de Hernán Neira instiga o leitor a pensar sobre si e sobre a própria literatura produzida na América Latina, levando-o a experimentar uma linguagem ao mesmo tempo local e transnacional, comum e diversa, crítica e sensível aos problemas de todos os homens e de todos os tempos. Se essa memória cultural se perde no espaço isolado e na pobreza de experiências da ilha, ela também se encontra na tematização dessas perdas que, de certa forma, conjuram o esquecimento e o tornam produtivo.